

Política Internacional

A 'Cidade sobre a Colina' e 'Tudo sob o Céu': a atuação política internacional dos Estados Unidos e China sob a perspectiva do embate por hegemonia.

Thais Caroline Lacerda Mattos*

Introdução

No presente estudo, buscou-se definir o perfil de atuação política internacional de Estados Unidos e China, analisando suas dimensões práticas e retóricas com intuito de problematizar essa relação bilateral e desenhar os seus possíveis desdobramentos sob a perspectiva do certame por hegemonia entre os dois países. Para tanto, será apresentada uma breve análise sobre os princípios norteadores da inserção externa dos países em questão e o conjunto de iniciativas em política externa que visam o prolongamento da hegemonia mundial, no caso dos Estados Unidos e, por outro lado, a ampliação do escopo de ação internacional, no caso da China. Para uma maior problematização dessas questões, utilizamos do aporte historiográfico que permitiu identificar a constituição da consciência social de ambos os países em que há uma noção de excepcionalidade acerca de sua história e de sua formação. Na perspectiva dos Estados Unidos prevalece a noção de um "Destino Manifesto" que evoca o caráter "missionário" de sua formação. Já no horizonte chinês, paira a perspectiva de "Tudo sob o Céu" e "Autoridade Humana", conceitos de herança filosófica anteriores à Dinastia Qin (221-206 a.C.). Apesar das distintas visões de mundo, as perspectivas de atuação internacional também dependerão de elementos nacionais e internacionais que tendem a mudar continuamente.

Materiais e Métodos

Frente às questões aqui levantadas, nossa pesquisa buscou analisar a temática por meio de pesquisa bibliográfica. Para tanto, foram analisadas fontes primárias correntes e históricas, no intuito de refletir sobre os princípios norteadores da inserção externa de Estados Unidos e China, além da tentativa de problematizar quais as características históricas desses princípios que solidificaram a base ideológica que explica a concepção de hegemonia de cada país. De fato, podemos identificar que na constituição da consciência social de ambos os países há uma noção de excepcionalidade acerca de sua história e de sua formação. Não pretendemos, no entanto, esgotar todas essas características, e sim, delinear de forma concisa o perfil de atuação cada Estado com vistas à constituição de mais uma ferramenta de análise para compreender como a ascensão econômica, política e militar da China tende a influenciar as ações do governo dos Estados Unidos no sentido de buscar estender a sua hegemonia nos assuntos globais. No que tange às fontes consultadas, encontram-se livros, documentos públicos, artigos científicos, pesquisas historiográficas e de filosofia chinesa que tratam dessa temática. A análise procurou ser feita criticamente sob à luz dos conceitos das Ciências Políticas e, particularmente, das reflexões das Relações Internacionais e contou, principalmente, com o estudo dos seguintes autores: Thomas McCormick; Antonio Gramsci; Eric Hobsbawm; Anders Stephanson; William A. Williams; Lin Yutang; Yan Xuetong; Huiyun Feng e Martin Jacques.

Resultados, Discussão e Conclusões

Ao observarmos os discursos dos líderes norte-americanos sobre sua atuação internacional, desde sua constituição como nação até o presente momento, verificamos o apelo religioso e providencial ao público interno, cujas opiniões têm oscilado de forma contraditória entre a aquiescência e a crítica, notadamente quando se trata dos meios de como a hegemonia do país é exercida, e não acerca da sua continuidade. Quanto a isto, a opinião pública parece estar galvanizada. Todavia, o país tem enfrentando novos e constantes desafios para responder de forma eficaz aos custos do intervencionismo americano pelo mundo.

Atualmente, os Estados Unidos têm vivenciado novos desafios à manutenção de sua hegemonia mundial, principalmente no campo doméstico, em que o bem-estar de grande parte da população está se deteriorando, fazendo com que as pessoas comecem a se perguntar se o orçamento não seria melhor aplicado no país do que em intervenções no exterior. Além de enfrentar problemas estruturais, como os déficits federais consecutivos, a elite política dos EUA se depara com o surgimento de novas ameaças, como o terrorismo em solo doméstico, o saldo negativo de guerras do Iraque e do Afeganistão, os fundamentalismos raciais, políticos e religiosos com a emergência de novos grupos étnicos que tendem a ameaçar a hegemonia WASP – White Anglo-Saxon Protestant (branco, anglo-saxão e protestante), dentre outras adversidades. Estes são constrangimentos que devem condicionar a estratégia dos EUA de entender sua hegemonia, como forma de alcançar consenso doméstico, particularmente buscando refrear o surgimento de novos desafiantes em nível regional, como no caso a China.

Diferentemente dos Estados Unidos, a experiência histórica da China no contexto internacional não demonstrou interesse em exportar seus valores até o presente momento. É frequente, na retórica chinesa, que o país, desde o Império do Meio, bastava-se a si mesmo. De fato, mesmo sob o domínio de etnias estrangeiras, a superioridade de sua civilização fazia com que os invasores assimilassem os valores chineses. Além disso, o discurso chinês atual, em que se descarta o universalismo, assim como se fazia no passado, é contrastante com as políticas expansionistas de potências ocidentais, notadamente a Grã-Bretanha e os Estados Unidos que historicamente preconizaram o direito de disseminar seus valores pelo mundo, fossem estes o liberalismo, o livre comércio ou o cristianismo. Nesse sentido, Yan Xuetong entende que a China se valerá nas próximas décadas de uma "diplomacia benevolente" como guia nas suas relações interestatais, uma ideia extraída do antigo pensamento estratégico chinês que prega um "realismo moral" ou o estabelecimento de um "modelo moral para tranquilizar seus aliados e construir liderança" (Bondaz and Godement 2015: 05). Ao mesmo tempo, o interesse central chinês de se alcançar a "Grande Revitalização da Nação Chinesa" e o "Sonho Chinês" cada vez mais enfrenta adversidades quando é colocada a inevitabilidade de choques na relação do país com os Estados Unidos.

Concluimos que o cenário futuro acerca dos sistema internacional é incerto, e há certa dificuldade em identificar quais mudanças econômicas ou políticas mais assertivas da China convergirão à criação de uma ordem internacional pacífica ou a um confronto explícito por hegemonia entre as duas potências, pois a resposta dos Estados Unidos às essas novas abordagens determinarão, em grande medida, o perfil estratégico da China nas próximas décadas.

***Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, na Linha de Relações Internacionais e Desenvolvimento, UNESP – campus Marília. Bolsista, processo nº2014-15993-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). lacerdatc@gmail.com**